

# PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL



VOL. VIII

1969

N.º 1

EDIÇÃO  
DA  
CÂMARA MUNICIPAL

# PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL

## A “Questão Académica” provocada em 1889 por Rocha Peixoto

Em Julho de 1887, «numas cálidas e apreensivas vésperas de lectos», um grupo de cinco estudantes do Porto, por entre a leitura de compêndios e de apontamentos, delineava, ao Moinho de Vento, as bases de uma Sociedade científica especialmente dedicada ao estudo das Ciências Naturais, Antropologia, Etnologia e Arqueologia. Muito jovens ainda, mas unidos por laços de grande amizade e afinidades culturais, todos esses rapazes deixaram de si rasto brilhante. Eram eles: António Augusto da Rocha Peixoto, Artur Augusto da Fonseca Cardoso e Ricardo Severo da Fonseca Costa, futuros obreiros da revista *Portugália*, então alunos da Academia Politécnica do Porto; o estudante de medicina João Baptista Barreira, mais tarde historiador de arte; e o moço pintor Alfredo Xavier Pinheiro, que viria a falecer apenas dois anos depois. O alto plano de admiração em que os três primeiros colocavam o legado científico do geólogo e arqueólogo Carlos Ribeiro, fez com que o nome deste sábio igualmente ficasse ligado à projectada agremiação. Com efeito, aos 2 de Agosto de 1888 o Governador Civil do Porto, António Ribeiro da Costa e Almeida, aprovava os estatutos da «Sociedade Carlos Ribeiro», na qual Rocha Peixoto passava a ocupar o cargo de Secretário-Geral, e Ricardo Severo o de Tesoureiro. O Professor Júlio de Matos, seduzido pelo mérito, pelo entusiasmo e pela juventude dos fundadores, dera o seu nome à Presidência da associação, enquanto Basílio Teles aceitava o lugar de Vice-Presidente (1).

A fim de realizar aquilo a que se propunha, logo a «Sociedade Carlos Ribeiro» iniciou a edição de opúsculos de feição crítica, por vezes polémicos, que ora comentavam estudos recém-apa-

---

(1) Vide: Sociedade Carlos Ribeiro — *Estatutos approvados pelo Governo Civil (2 de agosto de 1888)* (Porto, 1888), 8 págs.; Rocha Peixoto — «A Sociedade Carlos Ribeiro», in *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. I (Porto, 1890), pp. 189-192; Rocha Peixoto — «A Sociedade Carlos Ribeiro. Notula Historica», in *Revista cit.*, vol. V (Porto, 1898), pp. 178-221; etc.

recidos, ora escarpelizavam a situação deplorável em que jaziam certos dos nossos institutos de investigação e se preconizava a sua reforma. Assim se publicaram o discutido trabalho de Rocha Peixoto acerca de *O Museu Municipal do Porto*, distribuído em fins de 1887 (2), e, já em 1888, a *Paleoetnologia Portuguesa* de Ricardo Severo, consagrada a um livro de Cartailhac (3). Entretanto, em meados de 1889 conseguia a «Sociedade Carlos Ribeiro» lançar o primeiro número do seu órgão literário próprio, a *Revista de Ciências Naturais e Sociais*, dirigida precisamente por Ricardo Severo e Rocha Peixoto. Sustentada até 1898 (quando a «Sociedade» se extinguiu), e dirigida, desde 1894, também por Venceslau de Lima, a *Revista* pôde arquivar nos seus cinco volumes (vinte fascículos) dezenas de excelentes artigos sobre Antropologia, Etnografia, Botânica, Geologia, Zoologia, Filologia, etc., assinados por Fonseca Cardoso, Martins Sarmiento, Santos Rocha, Ricardo Severo, Adolfo Coelho, Teófilo Braga, Rocha Peixoto, Gonçalo Sampaio, Alfredo Bensaúde, Paul Choffat, Venceslau de Lima, Augusto Nobre, Leite de Vasconcelos e outros. Na sua fase inicial, todavia, a «Sociedade Carlos Ribeiro» ainda editou mais dois opúsculos avulsos, ambos da autoria de Rocha Peixoto: *As Deficiências de Trabalho na Academia Politécnica (Ciências Naturais)*, de 1889 (4) e *A Probidade Científica do Sr. João Bonança*, de 1890 (5). É justamente a controvérsia suscitada pela publicação d'*As Deficiências de Trabalho na Academia Politécnica* que

(2) Sociedade Carlos Ribeiro / (Propaganda das Sciencias Naturaes em Portugal) / I / O MUSEU MUNICIPAL DO PORTO / (HISTORIA NATURAL) / por / A. A. DA ROCHA PEIXOTO. / PORTO — 1888. / 49 págs., 187 × 104 mm.

Vide: Rocha Peixoto — «A Sociedade Carlos Ribeiro. Notula Historica», in *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. V, n.º 2 (Porto, 1898), pp. 180 e 209.

(3) Sociedade Carlos Ribeiro / (Propaganda das Sciencias Naturaes e Sociaes em Portugal) / II / PALEOETHNOLOGIA PORTUGUEZA / *Les Ages Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* / de / M. Émile Cartailhac / por / RICARDO SEVERO / PORTO / Typographia Occidental / 66 — Rua da Fabrica — 66 / 1888 / 113 págs., 182 × 106 mm.

(4) Sociedade Carlos Ribeiro / (Propaganda das Sciencias Naturaes e Sociaes em Portugal) / III / AS DEFICIENCIAS DE TRABALHO / NA / ACADEMIA POLYTECHNICA / (Sciencias Naturaes) / por / A. A. DA ROCHA PEIXOTO / Secretario Geral / PORTO / Typographia Occidental / 66 — Rua da Fabrica — 66 / 1889 / 23 págs., 191 × 106 mm.

(5) Sociedade Carlos Ribeiro / (Propaganda das sciencias naturaes e sociaes em Portugal) / IV / A PROBIDADE SCIENTIFICA / DO SNR. / JOÃO BONANÇA / Capitulo para o inquérito / da / «HISTORIA DA LUZITANIA E DA IBERIA» / por / ROCHA PEIXOTO / Secretario Geral / PORTO / Typographia Occidental / 66. Rua da Fabrica, 66 / 1890 / 16 págs., 172 × 98 mm.

pretendo recordar aqui, pelo interesse de que o assunto se reveste não só para o traçado bio-bibliográfico de Rocha Peixoto como para o conhecimento da vida escolar portuense de há oitenta anos.

No começo do seu pequeno volume avisa Rocha Peixoto ter escrito aquela «memória» por encargo da «Sociedade Carlos Ribeiro» — que estava decidida a «fazer sentir ao Governo a necessidade da criação de gabinetes para os trabalhos práticos de História Natural na Academia Politécnica do Porto» (p. V.). Os quatro capítulos do aguerrido opúsculo ultrapassam, no entanto, o desiderato fundamental. Apontando as principais deficiências dos programas e dos métodos do ensino das Ciências Naturais no nosso país, e insurgindo-se sobretudo contra o carácter teórico das aulas ministradas na Academia Politécnica do Porto, Rocha Peixoto não deixou, antes de indicar remédios e soluções, de se referir — e nada lisonjeiramente — à formação moral e intelectual dos estudantes da «Academia do Porto» e à sua ignorância nos domínios das Ciências Naturais.

Na crítica aos processos didácticos que ao tempo se mantinham, muito lúcidas se revelavam, na verdade, as observações feitas pelo representante da «Sociedade Carlos Ribeiro», experimentado já nas lides polémicas apesar dos seus vinte e três anos. Alguns dos erros que dilucida e verbera quase os diríamos, pela sua enervante repetição, males atávicos do nosso ensino! Inclui-se neste âmbito a registada «carência de ligação e unidade» entre os programas dos «liceus» e os das «escolas superiores» (p. 10), amargo resultado da falta de uma estrutura escolar completa e coerente (p. 11) — o que explicaria um «confuso e deplorável estado de cousas» que, «se o público o tolera, é porque a sua incapacidade se mede pela dos legistas que sustenta» (p. 12). Das emendas sucessivamente apostas aos programas, e das dificuldades impeditivas de um conveniente exercício do magistério, se ressentiam os professores portugueses, os quais, «à parte um número assaz diminuto de excepções, estão votados» — esclarece — «a representarem o papel banal e cerebrinamente charrro de exclusivos *transmissores científicos*» (p. 9). E acrescenta, pertinentemente: «Quando no nosso país é estabelecido ou ampliado um certo curso, procuram-se os moldes de fora. Isto justifica-se pela carência de autoridade e saber que acompanha a nossa falta de iniciativa. Copia-se, pois, a letra dum certo programa e vai-se alterando de tempos a tempos consoante as reclamações expostas; mas o desenvolvimento correlativo que exigem os meios de trabalho permanecem, isto é, nem se organizam gabinetes, nem se aumenta o pessoal, nem tão

pouco concedem subsídios!» (p. 9). Conclui, portanto, exigindo «uma remodelação na medida do que o país pode dar» (p. 21), a ser planificada num conspecto global e analítico, para o que pede «uma tenacíssima perseverança» (p. 21)! Para a Academia Politécnica do Porto reclama essencialmente «a organização definitiva» (p. 23) de laboratórios, museus e colecções de Ciências Naturais, onde «mestres e discípulos», mercê de melhores condições de estudo e dum «alargamento das verbas», pudessem desenvolver as suas «aptidões» (p. 23) e, por consequência, arcar com as respectivas «responsabilidades» (p. 21).

Tudo isto escrito em 1889, e por um jovem, provoca-nos hoje uma profunda impressão. Mas Rocha Peixoto, um temperamental, nem sempre foi inteiramente justo nos seus comentários, resvalando em generalizações excessivas e cruéis. Tal a referência, por exemplo, aos professores dos liceus nacionais, considerados, «salvo o número restrito de honrosas excepções»,... «um pessoal sem intuítos, dotado duma inépcia córnea e duma ignorância atrevida e impudente de charlatães» (p. 11). Não menos apaixonado e violento se mostrou nas apreciações concernentes aos colegas e condiscípulos. Afoito, declara: «Fundamentalmente, o estudante da Academia do Porto é um pulha. Ao matricular-se vota já um ódio preexistente ao professor; logo, porém, que o encontra inclina-se na atitude oblíqua do antropóide. Não possui a noção elementar da dignidade académica, nem o brio da solidariedade de classe»... «Não é honesto, nem razoável, nem sério»... «Na generalidade, as suas aptidões são muito escassas» (p. 17)... «Há um ano frequentavam a Academia uns oito ou dez espíritos de eleição. Quatro revelavam as mais prometedoras aptidões literárias, dois ou três votavam-se aos estudos científicos, os restantes permaneciam no campo neutro dos diletantes. Subtraindo estes das quase três centenas de matriculados, observava-se que o resto constituía a coorte mais deplorável de cretinos: os classificados, os regulares e os cábulas, eram ordinariamente estúpidos, ronceiros ou vadios. Não sabiam discutir uma questão artística, científica ou política» (pp. 17-18).

Intellectual esclarecido e dinâmico, muito cedo lançado numa carreira de especialização científica, Rocha Peixoto não conseguia suportar a mediocridade, nem o habitual alheamento da maioria, nem a indiferença perante a acção, a cultura ou as responsabilidades sociais. Daí o seu conceito acerca dos estudantes portuenses dos cursos do ensino superior, conceito que sendo exagerado — porque aferido em relação ao seu caso especial e a uma medida idealista — nos fornece contudo uma imagem para ser retida. Indubitavelmente não de todo falsa. Poucos anos decorridos, o próprio Rocha Peixoto confessaria o «rubro jacobinismo, intole-

rante e nivelador», daquela sua época escolar, de ferosa revolta, em que nas paredes da Politécnica estampava, com alguns companheiros, e «em altas letras ressaltadas de grandes sombras», gritantes fórmulas contestadoras: *Cursos livres na Escola livre! Abaixo o dogmatismo escolar! Etc.* (6). A campanha da «Sociedade Carlos Ribeiro» reunia, afinal, tanto intenções de dignificação académica como um escopo patriótico. Isso o demonstra um passo de *As Deficiências de Trabalho na Academia Politécnica*, quando Rocha Peixoto remata os considerandos tecidos em torno dos estudantes do Porto. «Estes rapazes» — afirma — «além de serem ignóbilmente hipócritas, são torpemente imorais. Sairão das escolas irremediavelmente anulados para os fortes empreendimentos da inteligência e da sinceridade; não terão a boa ténpera dos trabalhadores devotados e honrados; não possuirão a sólida envergadura de paladinos da liberdade, da prosperidade e da autonomia da pátria» (p. 18). Influenciado pelos nossos intelectuais da geração de 70, o futuro autor de *A Terra Portuguesa* (1897) sempre defenderia o caminho de um nacionalismo progressista, proposto — através de uma linha revolucionária — após a constatação decepcionante, por vezes pessimista, do estado da vida portuguesa (7).

Está bem de ver que os termos contundentes segundo os quais Rocha Peixoto se referira aos seus colegas provocaram uma viva efervescência nos meios académicos do Porto. Primeiro choveram sobre o audacioso, «nos corredores, na entrada ou saída das aulas e na rua», os sarcasmos e as invectivas (8). Depois surgiu mesmo um opúsculo, intitulado *Desforço*, a rebater as censuras que, aos estudantes, haviam sido endereçadas n'*As Deficiências de Trabalho* (9). Subscrito por «Um grupo de académicos», mas redigido por Joaquim Dias do Socorro, posteriormente médico

(6) Rocha Peixoto — «A Sociedade Carlos Ribeiro. Notula Historica», in *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. V, n.º 2 (Porto, 1898), pp. 182-183 e 189.

(7) Vide: Flávio Gonçalves — «Rocha Peixoto. Nas vésperas do Centenário do seu nascimento», in *Boletim Cultural Póvoa de Varzim*, vol. IV, n.º 2 (Póvoa de Varzim, 1965), pp. 300, 306-307 e 341-342 (e nota 108); Luís de Pina — «Rocha Peixoto na revitalização cultural do Porto», in *Boletim Cultural* cit., vol. V, n.º 2 (Póvoa de Varzim, 1966), pp. 19-71; *Rocha Peixoto (Depoimentos e Manuscritos)*, selecção e notas de Flávio Gonçalves (Porto, 1966), p. 35 (e nota), e p. 90 (nota); etc.

(8) Vide o opúsculo citado na nota 12, p. 10.

(9) *DESFORÇO / CONSIDERAÇÕES / APÓS A LEITURA DO FOLHETO DO ISNR. / ROCHA PEIXOTO: / «DEFICIÊNCIAS DO TRABALHO NA ACADEMIA DO PORTO» / PORTO / Typographia da Empreza Litteraria e Typographica / 178, Rua de D. Pedro, 184 / 1889 / 16 págs. 174 × 94 mm.*

em Vila do Conde (10), o *Desforço* lamenta, numa linguagem intencionalmente comedida, senão serena, que tivesse sido um estudante quem, com as suas «injúrias» e «afirmações caluniosas» (p. 4), de um modo inesperado viesse insultar e desacreditar toda «a classe a que pertence» (p. 5). Embora reconhecendo — também intencionalmente... — a «inteligência» de Rocha Peixoto, o seu amor ao trabalho e «a sua decidida vocação» para o estudo das Ciências Naturais (pp. 5 e 12), e reconhecendo-lhe toda a razão na crítica aos erros do nosso ensino (pp. 3-4), comenta todavia o opúsculo, numa apertada lógica, a maneira como um membro da Academia caracterizara os seus colegas. «Ainda hoje nos custa a acreditar» — escreve-se no fim — «no arrojo com que publicamente nos apoda de pulhas, estúpidos, indignos, hipócritas, imorais, um membro da nossa classe. Que o fizesse um estranho, teríamos por ele o desprezo que temos tido por outros que assim o têm feito; mas que o faça o sr. Rocha Peixoto, que vive conosco, que frequenta as nossas aulas, que se senta nos mesmos bancos, que partilha dos nossos labores, que é, enfim, um aluno como nós outros, fica-se boquiaberto, e ou se duvida da normalidade das suas faculdades, ou se nega a consciência dos seus actos» (p. 16).

O aparecimento do *Desforço* «enfureceu» o grupo da «Sociedade Carlos Ribeiro» (11), compelindo Rocha Peixoto a editar à sua custa um novo folheto, a que deu o título de *Questão Académica. Resposta ao «Desforço»* (12). Numa prosa cheia de mordacidade, e a patentear uma maior experiência literária que a do

(10) Vide a nota 32.

O Dr. Joaquim Dias do Socorro exerceu clínica em Vila do Conde e ocupou, naquela vila, diversos cargos. Foi Administrador do Concelho de 1900 a 1903, e médico da Câmara Municipal em 1901, 1902 e 1905. De 1903 em diante (mesmo após 1910) passou a ser médico e sub-director da «Casa de Correção e Detenção do Distrito do Porto», instalada também em Vila do Conde, no antigo mosteiro de Santa Clara (director: Dr. Alberto Pinheiro Torres). De 1904 a 1908 foi presidente da Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia [Vide: *Almanak do Porto e seu Districto*, por A. J. Vieira da Silva, para os anos de 1899 (p. 137), 1900 (p. 113), 1901 (pp. 117 e 121), 1902 (pp. 101 e 105), 1903 (pp. 123 e 127), 1904 (pp. 126 e 129), 1905 (pp. 130, 131 e 132), 1906 (pp. 141, 153 e 154), 1907 (3.ª parte, pp. 73, 76 e 80), 1908 (pp. 637, 641 e 644), 1909 (pp. 623 e 624), 1910 (p. 636), 1911 (pp. 593 e 594) e 1912 (pp. 180 e 181)].

(11) Rocha Peixoto — «A Sociedade Carlos Ribeiro. Notula Historica», in *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. V, n.º 2 (Porto, 1898), p. 184.

(12) ROCHA PEIXOTO / QUESTÃO ACADEMICA / Resposta ao DESFORÇO / provocado pelo opusculo / AS DEFICIENCIAS DE TRABALHO / NA / ACADEMIA POLYTECHNICA / PORTO / Typographia Occidental / 66, Rua da Fabrica, 66 / 1889 / 15 págs., 173 × 98 mm.

seu adversário, promete então desenvolver as «afirmativas» anteriores e «elucidar talvez os que, por uma causa étnica ou patológica, têm um penedo no crânio e conseqüentemente a cadeia numerada no Céu» (p. 6)! Porém, ao considerar-se estranho à Academia portuense no momento em que se pronunciara sobre os seus estudantes — pois escrevera *As Deficiências* não como aluno e sim «como representante de uma instituição particular» (p. 10)... — Rocha Peixoto utiliza um argumento capcioso; e não há dúvida que é injusto ao pretender fazer do *Desforço* apenas um documento pitoresco e «inconsciente», redigido no «vocabulário mais rude e mais cortante» (p. 6). Corajosamente insiste, no entanto, nos juízos atrás expendidos e no «supremo desdém» que lhe merecem os colegas (p. 14). Não corresponde, por outro lado, a qualquer tibieza, a ausência da «carga cerrada aos professores» pretendida por alunos despeitados (pp. 11-13); dado que se reportara, n' *As Deficiências de Trabalho*, ao ensino das Ciências Naturais, conhecia Rocha Peixoto as limitações impostas aos mestres nesse capítulo, chegando a nomear dois professores que pela sua dedicação e iniciativas tentavam corrigir a dramática situação material e técnica em que se viam obrigados a actuar (*As Deficiências*, pp. 14 e 16). Realmente, a crítica impietosa do politécnico convergia em particular para os colegas...

Por isso outro estudante, Dinis Neves, reagiu ao segundo opúsculo de Rocha Peixoto. Sob o pseudónimo «Julius Publices» (13) publicou um poema jocoso de 16 quadras, designado *Atribulações*, no qual, sem citar o nome de Rocha Peixoto, ridicularizava «o sábio» que durante a noite, «sedenito de fama», escrevia contra os «pobres de espirito»... Tratava-se de uma folha solta de papel barato, cor de laranja, cujo interesse residia apenas em trazer para a controvérsia um estilo facetó, galhofeiro, que se prolongaria noutros textos. Logo a seguir, efectivamente, apareceu o volumezinho *Socorro, Clemente & C.ª, Sociedade Anónima de Idiotice Ilimitada*, assinado por «Asmodeu», onde em forma de carta aberta a Rocha Peixoto se aprovavam as atitudes tomadas por este e se troçava dos seus principais opositores (14). «Asmodeu» era o talentoso Eduardo Alfredo de Sousa, aluno da Escola

(13) Vide a nota 32.

O Dr. Dinis Neves nasceu em 1869. Formado pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto, exerceu clínica em Amarante, Odemira, Fundão e, finalmente, no Porto. Colaborou, desde o tempos de estudante, em jornais republicanos do Porto, como *O Rebate*, *O Debate* e *O Norte*. Faleceu em Vila Meã em 30 de Dezembro de 1903 [Vide: *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 18 (Lisboa — Rio de Janeiro, s. d.), p. 675].

Politécnica do Porto (15); os Socorro e Clemente do título do opúsculo correspondiam, por seu turno, ao estudante Joaquim Dias do Socorro (o autor do *Desforço*) e ao seu auxiliar e mecenas (16) Clemente Joaquim dos Santos Pinto (estudante que em breve entraria também na liça, com um opúsculo próprio). Eduardo de Sousa, aderindo à opinião de Rocha Peixoto sobre a Academia do Porto, principia por asseverar que a «firma» Socorro, Clemente & C.<sup>a</sup>, consubstanciava «em si toda a cobardia, toda a inépcia, toda a perfídia e todo o servilismo de uma classe inteira» (p. 5). E, no rasto das *Atribuições* de Dinis Neves, delinea jocosamente o retrato físico e psicológico dos dois estudantes que deseja ridicularizar, evocando, entre remoques e pilhérias, a noite em que ambos, surpreendidos por uma visão sobrenatural, se decidem a combater em defesa da Academia Politécnica ofendida. A ironia prossegue, zombeteira, ao reconstituir a elaboração do *Desforço*, com Joaquim Dias do Socorro de pena em punho, inspirado, e Clemente dos Santos Pinto a prestar-lhe informações colhidas numa bibliografia corriqueira... Ao terminar, o jovem autor — que no texto já manifesta apreciáveis dotes literários — incita Rocha Peixoto a «cair sobre» os seus antagonistas, comparando a «intellectualidade» deles, oca e dura, a um símbolo da Academia portuense (p. 23)!

Parece que a leitura do livrinho de Eduardo de Sousa ocasionou «condenáveis agressões, súbitamente impedidas com ala-

(14) QUESTÃO ACADEMICA / SOCORRO, CLEMENTE & C.<sup>a</sup> / SOCIEDADE ANONYMA DE IDIOTICE ILLIMITADA / (Carta a Rocha Peixoto) / por / ASMÓDEU / PORTO / 1889 / 29 págs., 144 × 83 mm.

(15) Vide a nota 32.

O Dr. Eduardo Alfredo de Sousa nasceu no Porto em 1865 e, na mesma cidade, frequentou a Academia Politécnica e a Escola Médico-Cirúrgica. Ainda estudante, foi um dos organizadores, em 1890, da «Liga Patriótica do Norte», a que presidiu Antero de Quental. Colaborou, depois, no movimento do 31 de Janeiro. Em 1896, sendo quintanista, presidiu à comissão académica que realizou as festas em honra do vencedor do Gungunhana, e à que foi a Lisboa cumprimentar o poeta João de Deus. Concluiu o curso em 1896, mas já então havia dispersado a sua actividade por vários jornais republicanos do Porto: (*Jornal da Manhã*, *Jornal de Notícias*, *O Rebate*, *República Portuguesa*). Fundou o *Diário da Tarde* e colaborou n' *O Comércio do Porto*, n' *O País do Rio de Janeiro* e na *Gazeta Médica do Porto*. Foi deputado, depois de 1910, em várias legislaturas e Governador Civil do Porto em 1923. Dirigiu o jornal *República*, de Lisboa, enquanto António José de Almeida esteve na Presidência da República (1919-1923). Faleceu em Lisboa em 15 de Maio de 1927 [Vide: *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 29 (Lisboa — Rio de Janeiro, s. d.), p. 785].

(16) QUESTÃO ACADEMICA. SOCORRO, CLEMENTE & C.<sup>a</sup>. p. 10.

rido e prudência» (17). Rocha Peixoto, que na *Resposta ao «Desforço»* declarara, sobranceiramente, que não voltaria a dar esclarecimentos (p. 14), manteve-se no seu silêncio. Mas Clemente Joaquim dos Santos Pinto, mais tarde lente da Escola Médico-Cirúrgica do Porto (18), ainda redigiu o folheto *Um Par de Ferros*, veladamente editado em nome de «Um grupo de académicos» (19). Deste modo acabava a série de publicações nascidas da «Questão Académica», todas impressas no mesmo ano. O derradeiro opúsculo constituía a réplica à *Resposta ao «Desforço»* de Rocha Peixoto — réplica em que, como no *Desforço*, se faziam refutações por meio de um pensamento de tipo silogístico, e em que, como nalguns textos anteriores, se utilizava uma linguagem galhofeira para se troçar das ambições e atitudes de Rocha Peixoto.

Da contenda que em 1889 dividiu os estudantes do ensino superior do Porto, ressalta a nota de inconformismo que vários académicos cultos, activos, abertos ao mundo moderno, brandiam em face do espírito rotineiro, apático e sofisticado da grande massa escolar. Quando Rocha Peixoto, de peito voltado para a Academia, insinuava o «Veremos no futuro quem vence» (20), sabia que a vitória pertence sempre aos que, para além de um sentido de pura abstracção, desejam uma sociedade evoluída, consciente e livre. Eis porque tendemos a desculpar agora, tantos anos passados, a crueza dos epítetos ou as demasiadas gene-

(17) Rocha Peixoto — «A Sociedade Carlos Ribeiro. Notula Historica», in *loc. cit.*, p. 184.

(18) Vide a nota 32.

O Dr. Clemente dos Santos Pinto nasceu em Valpaços em 1871 e faleceu em Lisboa em 1907. Tendo acabado o curso de medicina em 1895, foi no ano seguinte nomeado professor substituto da cadeira de Anatomia Descritiva da Escola Médico-Cirúrgica do Porto e secretário da mesma Escola. No Hospital de Santo António foi o primeiro médico que, no Porto, aplicou o soro antidiftérico. Deputado pelo círculo do Porto, apresentou nas Cortes notáveis projectos de lei ligados à Assistência, Serviços de Saúde e ensino da medicina. Nomeado reitor do liceu central de Lisboa em 1901, ocupou este lugar até à altura da morte. Deixou, todavia, colaboração em diversas revistas médicas [Vide: *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 21 (Lisboa — Rio de Janeiro, s. d.), pp. 796-797].

(19) QUESTÃO ACADEMICA / UM PAR DE FERROS / RESPOSTA / Ao Snr. / ROCHA PEIXOTO / 1889 / 15 págs., 125 × 91 mm.

(20) Rocha Peixoto — QUESTÃO ACADEMICA. *Resposta ao DESFORÇO*, p. 15.

realizações de Rocha Peixoto e de Eduardo de Sousa. Um fogo idealista e purificador os animava — e não reparavam sequer naqueles que injustamente ofendiam. Por outro lado, motivações de ordem política (às quais os conflitos académicos nunca são alheios) detectam-se também nas entrelinhas dos folhetos publicados. Lá diz Rocha Peixoto: o estudante do Porto, «se discute (?) política afirma-se um radical intransigente; mas — elucida — precisa de se governar» (21). Numa previsão da carreira de Joaquim Dias do Socorro, Eduardo de Sousa sublinha, igualmente: «Será político na terra, influente de campanário. Regenerador ou progressista já se sabe; republicano, não, pois que é amigo da ordem» (22). Não significará algo o facto de Joaquim Dias do Socorro e Clemente dos Santos Pinto, os mais sérios opositores de Rocha Peixoto, serem partidários da Monarquia? As restantes vozes da «Questão Académica», incluindo Dinis Neves, defendiam o credo republicano. E neste contexto se explicam as posições de Rocha Peixoto e de Eduardo de Sousa a propósito do pedido da Academia portuense para o uso da capa e batina (23) — «distintivos de classe» que se lhes afiguravam «incompatíveis» com «a lógica indestrutível» dos «princípios igualitários» (24). Uma direcção mental afim proporcionou, ainda, que Rocha Peixoto e Eduardo de Sousa dirigissem moças às serenatas sentimentais e aos fadistas, ecos do romantismo (25). Em contrapartida, não julgo que contenha qualquer simbologia o facto de todos os intervenientes no debate se terem formado, à excepção de Rocha Peixoto, na Escola Médico-Cirúrgica do Porto; ao tempo, os candidatos a médicos tiravam na Academia Politécnica diversas cadeiras, devendo pois a intervenção dos polemistas atribuir-se à sua qualidade de escolares da Politécnica.

Os comentários acerbos de Rocha Peixoto ao comportamento dos colegas levava, entretanto, a esquecer as dificuldades inerentes ao ensino experimental na Academia Politécnica do Porto! Não obstante, no opúsculo editado pela «Sociedade Carlos Ribeiro» não faltam elementos para aquilatarmos das condições precárias em que se processavam as aulas... Paralelamente, o

(21) *Idem, ibidem*, p. 9.

(22) QUESTÃO ACADEMICA. SOCORRO, CLEMENTE & C.ª, p. 8 [Vide a nota 10].

(23) Rocha Peixoto — QUESTÃO ACADEMICA. Resposta ao DESFORÇO, p. 8; QUESTÃO ACADEMICA. SOCORRO, CLEMENTE & C.ª, pp. 12 e 22.

(24) Rocha Peixoto — «A Sociedade Carlos Ribeiro. Notula Historica», in *loc. cit.*, p. 182.

(25) Rocha Peixoto — QUESTÃO ACADEMICA. Resposta ao DESFORÇO, p. 8; QUESTÃO ACADEMICA. SOCORRO, CLEMENTE & C.ª, pp. 11-12.

referido opúsculo garante-nos a particular atenção que Rocha Peixoto votava, naquela fase da sua vida, às Ciências Naturais. No decurso de 1889 o futuro etnógrafo frequentou na Academia Politécnica as cadeiras de Mineralogia, Botânica e Zoologia, além de outras (26); o seu interesse pelas Ciências Naturais vinha, porém, da adolescência, e já aos dezoito anos organizava, na Escola Académica do Porto, colecções mineralógicas (27). De tal especialização resultou um certo desvio crítico, que n'As Deficiências de Trabalho transparece na severidade com que se julgaram as respostas dadas pelos estudantes vulgares de Zoologia (28). Joaquim Dias do Socorro, no Desforço, acusa Rocha Peixoto dessa deformação cultural (pp. 5-6), enquanto Clemente dos Santos Pinto, em Um Par de Ferros, pelas mesmas razões o ridiculariza, na hilariante cena do baile (pp. 11-12). Os antagonistas de Rocha Peixoto insistem, ao mesmo tempo, quer no egocentrismo do autor de As Deficiências de Trabalho (29), quer na sua tendência para o isolamento ou para uma camaradagem só oferecida a raros (30). Na Resposta ao «Desforço», o próprio Rocha Peixoto alardeia, aliás, a sua situação à margem da vicissitudes triviais da academia (p. 7) e o seu costume de não acompanhar os colegas «na rixa, na conquista amorosa ou no salsifré» (p. 8). Dominado por uma austeridade precoce, ele não entendia, aqui e acolá, aspectos naturais da psicologia da juventude. Na fundo eram diferenças ideológicas e culturais as que avultavam. Denunciou Rocha Peixoto, até, os gostos literários e artísticos predominantes na época: «não leio a prosa dilecta dos meus colegas — desde os Jogos Lésbios ao Amor de Perdição»; «não me enternecem os seus versos queridos — Bulhão Pato ou Tomás Ribeiro»; «não ouço a sua música — a opereta ou o choradinho»; «não admiro a sua pintura — Julien e a oleografia» (31)...

(26) Vide: Anuario da Academia Polytechnica do Porto (Anno lectivo de 1888-1889) (Porto, 1889), p. 83; Anuario da Academia Polytechnica do Porto (Anno lectivo de 1889-1890) (Porto, 1890), p. 61.

(27) Vide: João Barreira — «Era uma vez...», in revista O Tripeiro, 5.ª série, ano V, n.º 12 (Porto, Abril de 1950), p. 269; Augusto Nobre — «Rocha Peixoto», in jornal Rocha Peixoto (Homenagem), n.º único (Póvoa de Varzim, 17 de Junho de 1923), p. 3 [textos reproduzidos e anotados, respectivamente, em: Rocha Peixoto (Depoimentos e Manuscritos), selecção e notas de Flávio Gonçalves (Porto, 1966), pp. 17-19 e 29-31].

(28) Rocha Peixoto — AS DEFICIENCIAS DE TRABALHO NA ACADEMIA POLYTECHNICA, pp. 19-20.

(29) DESFORÇO. CONSIDERAÇÕES APÓS A LEITURA DO FOLHETO DO SNR. ROCHA PEIXOTO, pp. 5 e 12.

(30) *Idem, ibidem*, p. 9.

(31) Rocha Peixoto — QUESTÃO ACADEMICA. Resposta ao DESFORÇO, pp. 8-9.



Ao dissolver-se, em 1898, a «Sociedade Carlos Ribeiro», Rocha Peixoto recordou, no último número da *Revista de Ciências Naturais e Sociais*, o «pitoresco conflito académico» de nove anos atrás. Recordou-o num tom simultaneamente saudosista e irónico, como se estivesse a aludir a uma ingénua rapaziada. Foi, contudo, nessa página de memórias, que identificou a autoria dos opúsculos que em 1889 haviam saído sob pseudónimo ou sob uma capa colectiva (32). Já antes, aos 31 anos, Rocha Peixoto lembrara com orgulho a geração estudantil a que pertencera, aplicada e viva apesar das suas fraquezas e leviandades... «Dessa mocidade» — escreveu então — «ficou o que de bom ainda contamos» (33)! Quem é que, em julgamento sereno, não reconhece a força generosa e promissora da juventude de cada época?

Os textos publicados no decorrer da «Questão Académica» dificilmente se podem consultar, hoje, por completo. Se a leitura dos opúsculos de Rocha Peixoto não levanta problemas, o mesmo não sucede a respeito dos outros textos, que, na totalidade, não existem sequer nas nossas Bibliotecas Públicas! Mercê do valor documental destas espécies bibliográficas, de novo elas se publicam adiante, e na íntegra, tendo-se-lhes actualizado a ortografia. Serviram de originais os exemplares impressos que pertenceram a Rocha Peixoto, guardados actualmente pelo seu culto sobrinho, Ex.<sup>mo</sup> Senhor Coronel José da Rocha Peixoto, a cuja amabilidade consigno, um vez mais, os meus melhores agradecimentos (34).

Flávio Gonçalves

(32) Rocha Peixoto — «A Sociedade Carlos Ribeiro. Notula Historica», in *Revista de Ciências Naturaes e Sociaes*, vol. V, n.º 20 (Porto, 1898), pp. 181-185 e 208.

(33) Rocha Peixoto — «Ir P'r'os estudos (Carta a um lente)», in *O Primeiro de Janeiro* de 24 de Maio de 1895, p. 1 [trecho reproduzido no livro *A Terra Portuguesa*, de Rocha Peixoto (Porto, 1897), p. 278].

(34) Nos exemplares que pertenceram a Rocha Peixoto, o cientista indicou, à mão — naqueles que tinham aparecido sob pseudónimo individual ou colectivo —, os nomes dos respectivos autores. O opúsculo intitulado *Questão Académica. Socorro, Clemente & C.º*, de Asmodeu, apresenta também, no rosto, o seguinte autógrafo do autor: *A Rocha Peixoto / amigo e valente com panheiro nesta fácil / liza victoria. / Off.º Eduardo de Souza.*